



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ANDRESSA LORRANE PAES LANDIM MENEZES

A pintura de Nossa Senhora da Abadia e a expressão pós-tridentina europeia na América portuguesa até meados do século XIX

BRASÍLIA

2020



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ANDRESSA LORRANE PAES LANDIM MENEZES

Artigo apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília para a obtenção do grau de Bacharel em História, sob orientação do Prof. Dr. André Cabral Honor.

BRASÍLIA

2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que para mim é da vida, o melhor. Com Ele, eu pude aprender em cada etapa desse trabalho, que a vida é leve quando não se caminha sozinha. Aos meus pais Luis e Regina, que sempre me incentivaram e estiveram ao meu lado sendo meu consolo ou alegria. Aos meus amigos mais chegados que irmãos, em especial Aline Mercier e Aline Pinheiro, que me acompanharam tão de perto em todo o processo. Ao meu orientador, André Honor, por sua paciência e amizade, obrigada por me encorajar e me ajudar a enxergar o melhor de mim, disso eu nunca esquecerei.

RESUMO

Este artigo consiste em uma análise iconográfica da figura de Nossa Senhora da Abadia retratada na pintura do forro da igreja dedicada a ela, localizada na cidade de Goiás. Busca-se compreender a simbologia que envolve a representação da Virgem Maria e a expressão pós-tridentina europeia na América portuguesa até meados do século XIX. Para isto, foi feita a análise do contexto histórico de expansão do catolicismo no Novo Mundo e a investigação do tema da pintura, que é fundamentado nas sagradas escrituras e nos princípios das tradições da Igreja Romana.

Palavras-chave: Nossa Senhora da Abadia; Iconografia; Cidade de Goiás.

ABSTRACT

This article is an iconography analysis of the figure of Our Lady of Abadia portrayed in the painting of the ceiling of the church dedicated to her, that has been localized in the city of Goiás. Seeks to understand the simbology that involves the representation of Virgin Mary and the expression post-tridentine european in the portuguese america into meadles of the century XIX. For this, was made a search of the history context of expansion of the catholics in the new world and the investigation of the theme of the painting, that is basement in the holy scripture and in the elements of the tradition of the Roman Church.

Keywords: Our Lady Of Abadia; Iconography; city of Goiás.

Desenvolver um estudo acerca da Virgem Maria, em especial sobre Nossa Senhora da Abadia, que está retratada na pintura do teto da igreja Nossa Senhora da Abadia, localizada na cidade de Goiás, consiste em um estudo complexo e até mesmo difícil devido aos poucos trabalhos acadêmicos a respeito dessa figura religiosa e suas invocações. As citações biográficas acerca da Virgem Maria nos relatos bíblicos também são escassas, havendo maiores referências nos textos apócrifos, que expõem um quadro maior sobre a vida de Maria e sua genealogia. Assim, mesmo sendo bastante conhecida através da cultura da Igreja Católica, responsável pela difusão de seu culto nas mais diferentes partes do mundo, o estudo acerca de Nossa Senhora trata-se de um desafio aos pesquisadores, não apenas pela escassez de material, mas também pela riqueza da sua simbologia.

A Virgem Maria é um dos símbolos femininos mais fortes do mundo ocidental católico, o que, aliás, se pode compreender, levando em consideração o domínio que a Igreja católica teve sobre a vida social, durante séculos, e as marcas que ainda deixa na cultura nos povos de raízes cristãs. (SOUZA, 2001, p. 77)

Segundo Armino Trevisan “a primeira grande difusão da devoção à Virgem Maria ocorreu por ocasião do Terceiro Concílio Ecumênico do Cristianismo (...)” (2017, p. 88). Foi a partir do Concílio de Éfeso que se desenvolveram as festas e devoções a Maria, “os fiéis de Éfeso-justamente na cidade da grande deusa Diana- levaram Cirilo e os demais Bispos em triunfo pelas ruas da cidade, clamando, também durante horas ‘Louvada seja a Theotókos’, isto é, ‘Louvada seja a Mãe de Deus’ ” (TREVISAN, 2017, p. 88).

O culto a Maria se desenvolve por meio de suas invocações. As invocações marianas consistem nos diversos títulos, honrarias e qualificações que a mãe de Deus recebe. Esses títulos estão organizados por meio das “determinações dogmáticas, das festas litúrgicas, dos dados biográficos, das aparições e visões místicas, da sua capacidade intercessora e das litânias. ” (ROQUE, 2018, pp. 101-102). Na Ladainha de Nossa Senhora é possível reconhecer diversas invocações concedidas a Maria, que tratam da sua virgindade, realeza, maternidade, virtudes, sendo base muitas vezes para a elaboração das iconografias, como é o exemplo da pintura da nave da igreja Nossa Senhora da Abadia, objeto desse trabalho.

Dentre as diversas devoções e invocações a Maria, a devoção a Nossa Senhora da Abadia ou Santa Maria de Bouro tem sua origem na Península Ibérica. Sua invocação origina-se na Abadia do Bouro localizada em Portugal, “és una de las tantas imágenes que según la leyenda fueron escondidas durante la invasión árabe de la Península Ibérica” (SCHENONE, 2008, p. 277). Já no Brasil chegou por meio dos portugueses onde “expandió em épocas tempranas por las zonas mineras del sudeste y centro brasileño, donde varias ciudades la tomaron como patrona” (SCHENONE, 2008, p. 277).

A pintura do teto da nave principal da Igreja Nossa Senhora da Abadia faz parte dessa devoção à Mãe do filho de Deus (Figura 1) reflexo das expressões religiosas e civilizadoras trazidas pelos europeus em suas investidas territoriais mas que foram mescladas com as culturas indígenas e negras (OLIVEIRA, 2014, p. 29).



Fig. 1 – Pintura do forro da nave da igreja Nossa Senhora da Abadia. Cidade de Goiás, Goiás.
Foto digital. Vincent Glen Gielen, 2019.

Essas expressões levaram a construções de templos religiosos, que “além de símbolos religiosos, eles eram os principais elementos concretos aglutinadores da identidade coletiva e palco das mais importantes manifestações da vida social. ”

(OLIVEIRA, 2014, p. 31). Dentre esses templos consagrados à essa invocação encontra-se a pequena Igreja Nossa Senhora da Abadia localizada na cidade de Goiás cuja data de construção remete a 1790 por Salvador dos Santos Batista, com esmolas do povo (ACERVO DIGITAL DA UNESP, 2015).

Geralmente um povoado começava com uma pequena capela; se ele crescia a capela era substituída por uma igreja mais imponente. Mesmo no início da colonização, no século XVIII, quando faltavam recursos financeiros, humanos e técnicos, nunca se descuidou da construção das igrejas. Pelo contrário, foi nessa época que, proporcionalmente, foram construídas mais igrejas em Goiás (OLIVEIRA, 2014, p. 32).

A cidade de Goiás foi fundada no século XVIII em um período em que se faziam buscas pela exploração do ouro, geralmente comandadas por bandeirantes que se deslocavam das regiões litorais rumo ao interior do país. O paulista explorador Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera II, foi quem descobriu as minas de ouro que se encontravam em Vila Boa de Goiás por meio de uma expedição que saiu de São Paulo em 1722. (VIDAL, 2009, pp. 248-249). É possível compreender com detalhes o que ocorreu nessa expedição porque o Anhanguera II foi acompanhado pelo emboaba Silva Braga, que registrava com precisão o que ocorria no início dessa bandeira. A tropa que o acompanhou era composta por 152 homens armados e 3 religiosos (BERTRAN, 2011, p. 141). Entretanto, “foi durante a segunda expedição, em julho de 1726, que Bueno e seus homens realizaram as primeiras prospecções (...)” (VIDAL, 2009, p. 248).

Após a sua descoberta, Bartolomeu Bueno da Silva cria um arraial, “(...)espécie de povoação sem autonomia jurídica ou administrativa, submetida à tutela de uma vilaneste caso a de São Paulo” que possibilitaria uma melhor organização das pessoas que habitariam aquele lugar (VIDAL, 2009, p. 249). Ergue-se a capela de Sant’Ana, como era de costume começar um povoado, e dela vai tomando forma um arraial, que passa a se chamar Arraial de Sant’Ana (VIDAL, 2009, p. 249). Depois torna-se vila em 1739, denominada Vila Boa e em 1749 torna-se capital da capitania de Goiás.

O início da cidade é marcado por tensões entre a esferas civil e a religiosa, “pois, se a estruturação do espaço se faz em torno da capela de Sant’Anna, indicando o quanto a religião é um poderoso fator de estabilização das populações nas regiões mineiras, não é por isso, entretanto, que o poder civil abdica de toda a sua ambição. ” (VIDAL, 2009, p. 250). Diante da descoberta, Bartolomeu Bueno da Silva recebeu poder, muitas vezes discricionário, sobre aquela região. Essa atitude é motivo de incômodo para o vigário

Pedro Ferreira Brandão, que convida a população a se organizar por meio de associações religiosas. Com isso, funda-se a primeira irmandade no Arraial de Sant'Ana e de São Miguel e Almas em 1733, no qual se torna uma contraposição às vontades de Bartolomeu Bueno quanto a organização da terra conquistada (VIDAL, 2009, p. 250). Após a sua criação, surgiram outras confrarias como a de “Nossa Senhora do Rosário”, que recebia apenas os negros escravos, “Santíssimo Sacramento”, “Nossa Senhora da Boa Morte” (VIDAL, 2009, p. 252), entre outras.

Apesar da forte presença das Irmandades e do clero secular, Saint-Hilarie, um naturalista e viajante francês, fez sérias críticas à população de Vila Boa e a sua forma de se relacionar com a religião. Para ele, a relação é superficial, ao invés de serem verdadeiros devotos eram movidos pelas festividades religiosas (MARTINS, 2017, p. 183), “o que escandaliza o viajante é a teatralização das cerimônias, que ele considera como ‘ridículas palhaçadas’, misturadas ao que a igreja teria de mais respeitável. Avalia que uma religião que não vai além dos sentidos se transforma em um jogo de ofensa e perdão.” (MARTINS, 2017, p. 184). Embora Saint-Hilarie tenha uma visão europeizada acerca do catolicismo na América portuguesa, sua crítica nos concede um indício de como a religiosidade se manifestava na cidade de Goiás, de forma mais popular, como a construção da igreja Nossa Senhora da Abadia, que, como já foi dito, foi edificada por meio de esmolas do povo, ato que não era incomum na cidade do Goiás. Além disso, essa expressão religiosa é marcada pela mistura cultural de índios, negros escravos e europeus, o que também influenciou na forma como era expressa a devoção da população vilaboense.

Até o presente momento, não identificamos qual irmandade poderia ter influenciado a construção da igreja Nossa Senhora da Abadia, porém foi possível verificar as irmandades existentes na cidade de Goiás anteriormente à construção da igreja. Devido a quantidade de irmandades existentes e a sua influência na construção das igrejas, é provável que alguma delas possa ter tido algum tipo de participação na edificação da igreja Nossa Senhora da Abadia. São elas: São Miguel e Almas (1733), Nossa Senhora do Rosário (ereta em 1734), São Bom Jesus dos Passos (ereta em 1745), Nossa Senhora da Lapa (1757), Santíssimo Sacramento (ereta em 1745), Nossa Senhora da Boa Morte (ereta antes de 1752), São Benedito (anterior a 1775) e São José dos Quatro Ofícios (1750) (TAMASO, 2007, p. 767).

Irmandades desempenharam um papel fundamental nos processos de povoamento e evangelização de Goiás. Eram instituições atuantes em toda a América Portuguesa, mas nas áreas longínquas do centro do Brasil, eram ainda mais importantes. A estrutura oficial da Igreja podia literalmente levar décadas para se estabelecer nos povoados formados em torno das minas de ouro. As irmandades, por sua vez, eram muito mais facilmente estabelecidas (PINTO, 2012, p. 325).

Mas de onde vem a devoção a Nossa Senhora da Abadia, na cidade de Goiás, que motivou a construção da igreja de mesmo nome? E qual a sua importância para a cidade? Na cidade vilaboense a quantidade de igrejas que têm devoção a figuras femininas é bastante superior a figuras masculinas, entretanto, essa prática não é incomum. Diante dos ataques recebidos pela Igreja Católica Romana por meio da Reforma Protestante a Igreja convoca o Concílio de Trento para tratar de assuntos referentes a esses ataques e reformular algumas questões da própria igreja.

Em um contexto de crise da Igreja Católica e de contenção dos ataques protestantes, “ (...) a Igreja Romana reafirma o valor ideal e a necessidade prática da demonstração visual dos fatos da própria história, visando à edificação e ao exemplo”. (ARGAN, 2004, p. 57). É através da arte que a Igreja encontra um mecanismo para catequisar o novo mundo constituído por pagãos, a arte se manifesta além do visual e seu caráter é de propaganda. Mais do que demonstrar, a propaganda exerce o papel do convencimento e auxilia na devoção desejada pela Igreja, “nasce assim uma nova e copiosa iconografia de Cristo, de Nossa Senhora, dos santos (...) bem como uma nova, simples e direta simbologia (por exemplo, o coração de Jesus). ” (ARGAN, 2004, p.59). Nesse aspecto a arte teve um papel fundamental para a devoção.

A devoção da figura de Nossa Senhora trata-se de uns dos ícones de resposta às reformas protestantes, que estavam ocorrendo no mundo inteiro. A expansão do catolicismo no novo mundo unia coroa e o papado por meio do Padroado Real que “pode ser definido em geral como uma combinação de direitos, privilégios e deveres concedidos pelo papado à Coroa de Portugal na qualidade de patrocinadora das missões católicas e dos estabelecimentos eclesiásticos missionários na África, Ásia e Brasil. ” (BOXER, 2007, p.98). Dentre os direitos, privilégios e deveres está a construção de igrejas e a capacidade de permitir a construção.

A construção da Igreja Nossa Senhora da Abadia da cidade de Goiás estava inserida nesse contexto.¹ Não foi possível rastrear as razões, porém a devoção à Nossa Senhora da Abadia foi bastante difundida nas áreas da mineração do Goiás, “su culto fue particularmente intenso em Goiás, principalmente em Muquém y Vila Boa: Aún hoy son muy famosas las romerías de Nuestra Señora de la Abadia en el centro diamantero de Agua Suja” (SCHENONE, 2008, p.277). Como já foi dito, no forro da nave principal da Igreja há uma pintura setecentista que retrata Nossa Senhora ao centro segurando o menino Jesus em seus braços acompanhada por outros personagens simbólicos da cristandade.

A imagem (Figura 1) é composta por elementos simbólicos baseados nas escrituras sagradas e elementos da tradição católica, no qual decodificá-los significa entender como são expressos os ideais e ensinamentos religiosos, e a engenhosidade da transmissão dessas mensagens por meio da arte. Maria é representada com a pele branca e está vestida com um manto branco que a cobre até a cabeça e outro azul que fica sobre branco. É retratada ao centro segurando em seus braços o menino Jesus, também representado com a pele branca e coberto com um manto vermelho. Em volta de sua cabeça há raios com estrelas, um resplendor. Ao seu redor querubins estão inclinados em sua direção, também retratados nas cores branco, vermelho e azul. Abrindo mais o campo de visão, quatro figuras curiosas cercam Nossa Senhora e o menino Jesus (Figura 2). Uma mulher com mantos nas cores também azul e branco está sentada e amamenta uma criança. Na outra um anjo toca uma trombeta. Na terceira, uma mulher com o manto azul e vermelho segura um cálice em sua mão direita e uma cruz em sua mão esquerda. Já na última, uma mulher, com os mantos nas cores branca e vermelha, segura uma âncora. Fechando o quadro, nos quatro ângulos, figuras importantes para a tradição da igreja católica também aparecem. São eles: São Jerônimo, Santo Ambrósio, Santo Agostinho e São Gregório, cada um com seus atributos correspondentes, o que facilita a identificação. Além disso, há na pintura outros elementos que remetem ao simbolismo da figura de Nossa Senhora, que também são mencionadas na ladainha de Nossa Senhora como a torre

¹ Atualmente, a Igreja passa a maior parte do ano fechada, aberta na Semana Santa, eventuais visitas, e no dia 15 de agosto, dedicado a santa. Nessa data há toque de sinos, foguetes, missa solene, leilões, precedido esse dia de nove dias de orações, feitas pela própria comunidade.

(Figura 3) e a coroa (Figura 4), já que ela é considerada rainha do céu e da terra, como será explanado mais adiante.



Fig. 2 – Medalhão Nossa Senhora da Abadia e Alegorias. Cidade de Goiás, Goiás. Foto digital. <https://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/252383?mode=full>. 2015.



Fig. 3 – Pintura do forro da nave da igreja Nossa Senhora da Abadia. Cidade de Goiás, Goiás. Foto digital. Vincent Glen Gielen, 2019.



Fig. 4 – Pintura do forro da nave da igreja Nossa Senhora da Abadia. Cidade de Goiás, Goiás. Foto digital. Vincent Glen Gielen, 2019.

O menino Jesus em seu colo evidencia o seu aspecto maternal que perpassa também o aspecto virginal já que Jesus foi gerado de forma sobrenatural. Maria, também chamada pelos católicos de Nossa Senhora ou Virgem Maria, foi uma mulher israelita tratada na bíblia como a mãe de Jesus, o filho de Deus, gerado por meio da intervenção divina, permanecendo virgem segundo a tradição católica. Essa virgindade anterior ao nascimento de Jesus está retratada no livro de Lucas: "Maria, porém, disse ao anjo: "Como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum? ". O anjo lhe respondeu: "O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra. Por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus." (LUCAS 1: 34-35). Outro exemplo da ação divina e não natural no nascimento de Jesus está em Mateus, que diz: "Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de Emanuel, o que traduzido significa: 'Deus está conosco' (MATEUS 1: 23).

A mãe virginal de Deus simboliza, precisamente nessa conjunção de virgindade e maternidade, a alma em que Deus se concebe a si mesmo gerando-se nela, a alma levada à união na qual Deus se torna fecundo com o acordo e a aceitação do homem. Alude ao mesmo tempo à terra voltada para o Oriente e rumo ao céu, que pela luz de Deus se torna terra da luz. Dessa forma é modelo e ponte entre a terra e o céu. Com isso ela se torna também 'testis fidei', testemunha e geradora da fé, da afirmação crente e receptiva da salvação absoluta, operada somente por Deus e por ele concedida (HEINZ-MOHR, 1994, p. 235).

Entretanto, a permanência dessa virgindade após o nascimento de Jesus foi tema de discussão durante séculos, esse tema e entre outros foram objetos de dogmas estabelecidos pela Igreja, onde, "o dogma Maria, mãe de Deus (Theotókos) foi definido em 431, no III Concílio Ecumênico de Éfeso, e o dogma Virgindade Perpétua de Maria foi definido no Sínodo Romano de 649" (MOREIRA, 2017, p. 172). Tratar sobre a virgindade de Maria não se trata do conteúdo principal desse trabalho, mas serve como uma iniciação para a explanação de símbolos, conceitos e aspectos culturais importantes para o entendimento de um ícone cristão católico e sua devoção, assim como para o entendimento da maternidade divina.

O dogma da maternidade divina foi definido pelo concílio de Éfeso, no ano de 431. A fundamentação bíblica do dogma está em Lc 1,30-35; 41-43. É um dogma com base escriturística revelada suficiente. O dogma ensina que houve uma verdadeira maternidade biológica, isto é, humana e natural e, ao mesmo tempo, uma maternidade plenamente espiritual, tanto quanto ao modo – uma maternidade virginal – quanto à causa da maternidade – o Espírito Santo. Daí que a maternidade divina

de Maria se mostra como uma verdade cristológica e mariológica simultaneamente (HACKMANN, 2017, p. 75).

Esses aspectos de Maria também estão evidenciados nas cores que compõe a pintura do teto da Igreja de Nossa Senhora da Abadia da Cidade de Goiás. Na iconografia cristã as cores representam determinados significados. Poderia haver a dificuldade de se adquirir no interior do Brasil os materiais usados como pigmentos e o artista poderia ter poucas opções para a elaboração da pintura, porém, há também a importância da representação das cores e sua simbologia para a confecção do ícone.

O manto branco que envolve Maria simboliza a luz, pureza e perfeição (BECKER, 1999, p. 48), “no apocalipse, a cor branca simboliza a pureza perfeita e a glória inacessível” (LURKER, 1993, p. 27). Para a Igreja católica, Maria não é apenas uma mulher que gerou o salvador da humanidade, mas uma personagem santa a qual gera Jesus não por meio de uma ação sexual, mas sim por meio do espírito de Deus permanecendo virgem por toda a vida. Esse aspecto atribui a personagem mais um aspecto divinal, que contribui para sua devoção e admiração.

La Virgen, que fuera confiada a José por el sumo sacerdote, es un libro sellado que éste tiene prohibido abrir. Se ve facilmente la razón. Se trataba de justificar el nombre de Hijo de Dios dado al Mesías. Para descartar toda idea de paternidade humana, la madre de Cristo debía ser virgen. (RÉAU, 2008, pp. 90-91).

O manto azul perpassa a mesma ideia de pureza simbolizando “cor do divino, da verdade e, no sentido de perseverança na verdade e com referência ao firmamento fixo do céu, cor da fidelidade” (BECKER, 1999, p. 38). Maria é o exemplo de fidelidade e obediência a Deus ao dar o seu sim para ser mãe do salvador, isso é expresso em Lucas, onde Maria diz “Eu sou a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra” (LUCAS 1: 38). Já o vermelho que cobre o menino Jesus significa “o amor absoluto de Deus com que ele criou o mundo e o redimiu” (LURKER, 1993, p. 258). Jesus foi aquele que morreu para que os pecados fossem expiados, aquele que derramou seu sangue para que a humanidade pudesse estar novamente em comunhão com Deus.

Na pintura da Igreja de Nossa Senhora da Abadia, Maria está sendo levada aos céus por anjos, o que nos remete à iconografia da Assunção de Nossa Senhora. Há uma confusão entre os termos assunção e ascensão, sendo necessário, portanto, explicá-los brevemente para um melhor entendimento. A assunção trata-se de ser levado ao céu por meio de outros, já a ascensão consiste em subir aos céus por conta própria, por meio de

seu próprio poder, como aconteceu com Jesus. A Bíblia não apresenta a morte de Maria, portanto, para entender o conceito da assunção da virgem é necessário atentar-se aos textos apócrifos que estabeleceram a tradição do dogma. Com isso, “a crença na assunção de Maria desenvolveu-se principalmente pela pregação e pela literatura piedosa, baseadas em escritos apócrifos” (MOREIRA, 2017, p. 185) e apesar de ser um conceito antigo, o dogma foi definido apenas em 1950 pelo Papa Pio XII. Segundo a Legenda Áurea, Santo Agostinho argumenta acerca da assunção da Virgem:

Se a morte de todos os santos é preciosa, a de maria é preciosíssima. Assim, penso que Maria, elevada às alegrias da eternidade pela bondade de Cristo, foi ali recebida com mais honras que os outros, porque Ele a honrou com sua graça mais que aos outros, e ela não teve de sofrer depois da morte o mesmo que os outros homens, podridão, vermes e pó, pois ela gerou o Salvador de si mesma e de todos os homens (Varazze, 2003, p. 680).

A assunção da Virgem Maria é um importante dogma para os fiéis da Igreja católica porque por meio dele se reafirma as virtudes da mãe do filho de Deus, assim como consiste em um conceito importante para o plano de salvação já que foi por meio dela que Jesus pôde vir ao mundo para salvar a humanidade. Foi no Oriente, no século V, que começaram a circular os textos apócrifos sobre o trânsito da Virgem Maria, com dois conceitos de trânsito, um seria a ressurreição do corpo e outro a “transladação do corpo para o paraíso terrestre.” (HACKMANN, 2017, p. 80) . Já no Ocidente foram rejeitados os textos apócrifos a respeito do trânsito de Maria e a aceitação começou pelo papa Sérgio I em Roma, nisso, pouco a pouco foi se impondo na Idade Média a Assunção de Maria (HACKMANN, 2017, p. 80).

Desde o final do século V houve uma difusão de novos apócrifos que falavam sobre o Traslado de Maria. Um deles (*De Dormitione Beate Vergine Mariae*) falava especificamente sobre a assunção de Maria ao céu em sua alma e em seu corpo. Estes apócrifos alimentaram a piedade popular e difundiram a crença nesse privilégio. No século VIII, no oriente, serão difundidas várias homilias sobre a Dormição. Essas homilias são chamadas *Homilias Bizantinas* e seus principais autores foram André de Creta (600-740), Germano de Constantinopla (649-733) e João Damasceno (650-750), todas elas afirmavam a morte de Maria e a sua Assunção gloriosa em corpo e alma aos céus” (MOREIRA, 2017, p. 186).

Após a assunção de Maria, de acordo com a tradição católica, há a sua coroação, confirmação de um dos títulos atribuídos à Nossa Senhora, evidenciado por meio da coroa

segurada por dois anjos (Fig.4) na pintura objeto desse trabalho. Mãe do rei Jesus, Maria é a rainha que possibilitou a sua vinda ao mundo, é, portanto, rainha dos céus e da terra.

Quando o anjo Gabriel enviado por Deus vai até Maria anunciar que seria a mãe do filho de Deus há uma menção de Jesus como rei, ele diz: “ Eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e tu o chamarás com o nome de Jesus. Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará na casa de Jacó para sempre, e o seu reinado não terá fim. ” (LUCAS 1: 31-33). No antigo testamento há diversas passagens que exaltam a figura da mãe como rainha demonstrando que era uma prática recorrente considerá-la como tal.

No livro de Primeiro Reis há um exemplo dessa prática, “Betsabéia foi, pois, à presença do rei Salomão para lhe falar de Adonias e o rei se ergueu para ir ao seu encontro e se prostou diante dela; depois sentou-se no trono e mandou colocar um assento para a mãe do rei e ela sentou à sua direita. ” (1 REIS 2: 19), a rainha, portanto, era a mãe do rei, já que o rei dispunha de muitas mulheres. No livro de Jeremias há também outra referência a rainha-mãe e sua posição de poder, “Dize ao rei e à rainha-mãe: sentai-vos bem embaixo, porque caiu de vossas cabeças a vossa coroa de esplendor. ” (JEREMIAS 13: 18). Essa prática, portanto, estende-se a Maria, sendo aquela que é mãe do rei dos céus, e por isso é rainha.

A coroa é um símbolo de “honra, glória, alegria, e é sinal da dignidade régia e do sumo sacerdote, sendo, também por essa razão, símbolo de honra. ” (HEINZ-MOHR, 1994, p. 110) . O embasamento bíblico está em apocalipse onde há uma passagem que se refere a Maria, que usa uma coroa de doze estrelas “Um sinal grandioso apareceu no céu: uma mulher vestida com o sol, tendo a lua sob os pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas (APOCALIPSE 12: 1). Outro embasamento da sua condição de rainha é a Ladainha de Nossa Senhora que repete a palavra “rainha” 12 vezes: “ (...) Rainha dos Anjos, Rainha dos Patriarcas, Rainha dos Profetas, Rainha dos Apóstolos, Rainha dos Mártires, Rainha dos Confessores, Rainha das Virgens, Rainha de todos os santos, Rainha concebida sem pecado original, Rainha assunta ao Céu, Rainha do sacratíssimo Rosário, Rainha da Paz (...)” (LADAINHA, 2020).

Em sua Ladainha há também menção às “Torre de Marfim” e “Torre de Davi”, nomeações importantes para o entendimento da pintura que está sendo trabalhada, já que há uma retratação de uma torre na pintura (Fig.3). Sobre o seu significado pode ser tanto

negativo quanto positivo como é o caso da referência a Nossa Senhora, “como torre de fortificações, defesas nas montanhas, castelo, a torre torna-se símbolo da vigilância e da ascensão” (HEINZ-MOHR, 1994, p. 369), também significam proteção quando edificada em uma muralha ou pórtico podendo ser vista de longe auxiliando assim a vigilância contra os inimigos (LURKER, 1993, p. 240). Há ainda a sua relação com a virgindade, “por causa da sua forma, também é considerada um símbolo fálico, mas ao mesmo tempo, como espaço geralmente sem janelas e fechado, simboliza a virgindade” (BECKER, 1999, p. 279).

Analisar a menções de torre na Bíblia nos auxilia no entendimento do que ela representa e qual o sentido dessa atribuição a Maria. No livro de Cânticos em um poema de elogio do amado para a amada, compara-se o pescoço da amada com a torre de Davi, sinalizando mais uma vez sua grandeza e capacidade de proteção, “teu pescoço é a torre de Davi, construída com defesas; dela pendem mil escudos e armaduras dos heróis” (CÂNTICO 4:4). Maria é aquela que está sempre vigilante, e por causa dessa vigilância se manteve pura, sem pecados, é também aquela que protege seus fiéis das investidas malignas. Já a torre de marfim é “símbolo de altivo, distante ou estetizante afastamento do mundo” (BECKER, 1999, p. 280) e também há menção no livro de Cântico, “teu pescoço, uma torre marfim; teus olhos, as piscinas de Hesebon junto às portas de Bat-Rabim. Teu nariz, como a torre do Líbano voltada para Damasco”. (CÂNTICO 7:5). Entretanto, segundo Becker para o cristianismo o significado é outro, “em sentido totalmente diferente no cristianismo Maria às vezes é comparada a uma torre de marfim, que neste caso simboliza a torre de Davi, isto é, Maria como vaso puro foi portadora do rebento da estirpe de Davi” (1999, p. 280). Desta forma, Maria é aquela que abrigou Jesus, o rebento da estirpe de Davi, mencionado no livro de Apocalipse, “Eu, Jesus, enviei meu Anjo para vos atestar estas coisas a respeito das Igrejas. Eu sou o rebento da estirpe de Davi, a brilhante Estrela da manhã” (APOCALIPSE 22: 16).

São esses indícios imagéticos que nos permite acessar a devoção à Nossa Senhora da Abadia na Cidade de Goiás. Apesar da incidência de olhares interessados na cidade, a Igreja de Nossa Senhora da Abadia, mais especificadamente a pintura do forro da sua nave que é objeto de estudo desse trabalho, ainda não havia recebido esforços acadêmicos de pesquisa, o que torna esse trabalho essencial. A análise do painel do forro da igreja Nossa Senhora da Abadia localizada na cidade de Goiás consiste em mais um empenho

para agregar novos conhecimentos, em especial na área do estudo iconográfico, necessários para uma melhor compreensão do passado e do presente e até mesmo reconhecer as belezas culturais, sociais e históricas que se encontram na cidade de Goiás. Não foi possível abordar todos os elementos existentes na pintura do forro da igreja Nossa Senhora da Abadia devido a sua extensão e complexidade, entretanto, alguns dos símbolos foram abordados devido a sua relação íntima com o entendimento da representação de Nossa Senhora naquela pintura.

Por meio de seu caráter de persuasão e “em dirigir as escolhas e os comportamentos humanos do que em contemplar e descrever a lógica providencial do universo” (ARGAN, 2004, p.49) a Igreja Católica exerce um papel fundamental na constituição da sociedade brasileira ao longo de sua formação. A devoção a Maria é um exemplo do fruto dessa influência católica, que vai além do período colonial. Escolas, hospitais, ruas, comércios, possuem nomes em sua homenagem Entender esse papel possibilita uma melhor compreensão do imaginário brasileiro que causa impacto cultural, social, político e religioso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APOCALIPSE. In: **BÍBLIA de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 2301-2329.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Imagem e persuasão: Ensaio sobre o barroco**. Tradução Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia Das Letras, 2004.
- BECKER, Udo. **Dicionário de Símbolos**. Trad. Edwino Royer. São Paulo: Paulus. 1999.
- BERTRAN, Paulo. **História da Terra e do Homem do Planalto Central: eco-história do Distrito Federal**. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2011.
- BOXER, Charles R. **A igreja militante e a expansão ibérica: 1440-1770**. Tradução Vera Maria Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CÂNTICO DOS CÂNTICOS. In: **BÍBLIA de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 1185-1199.
- CATECISMO da Igreja Católica**. São Paulo: Edições Loyola. 2000.
- HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. MARIA NA LUMEN GENTIUM: OS DOGMAS MARIANOS. In: CONGRESSO DE MARIOLOGIA: PIEDADE POPULAR, CULTURA E TEOLOGIA. 2017, Porto Alegre: EDIPUCRS. Disponível em: <http://editora.pucrs.br/acessolivre/anais/congresso-de-mariologia/assets/edicoes/2017/arquivos/4.pdf>. Acesso em: 3 Dez. 2019.
- HEINZ-MOHR, Gerd. **Dicionário dos símbolos: imagens e sinais da arte cristã**. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus. 1994.
- JEREMIAS. In: **BÍBLIA de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 1473-1578.
- LEMES, Fernando. Lobo. PODER LOCAL E REDE URBANA NAS MINAS DE GOIÁS. **Revista História**, São Paulo, v. 28, n.1. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v28n1/14.pdf>>. Acesso em: 08 set.2009.
- LUCAS. In: **BÍBLIA de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 1926-1978.
- LURKER, Manfred. **Dicionário de figuras e símbolos bíblicos**. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus. 1993.

Ladainha de Nossa Senhora. Disponível em: <https://www.capela.org.br/Oracao/ladainham.htm>. Acesso em: 5 Out. 2019.

MARTINS, Fátima de Macedo. **Saint-Hilarie em Goiás: Ciência, Viagem e Missão Civilizatória**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)- Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: < <https://repositorio.unb.br/handle/10482/24923>>.

MATEUS. In: **BÍBLIA de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 1837-1896.

MOREIRA, Maria Angélica Franco. O CONTEXTO HISTÓRICO DA DEFINIÇÃO DOS DOGMAS MARIANOS. **Revista Teologia em questão**. 2017 . Disponível em: < [tq.dehoniana.com > index.php > article > download](http://tq.dehoniana.com/index.php/article/download)>. Acesso em: 08 set. 2019.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. "UM DIA A IGREJA CAI": A IMPORTÂNCIA CULTURAL DOS TEMPLOS RELIGIOSOS NA CIDADE DE GOIÁS. **Revista Patrimônio e memória**, São Paulo, v.10, n.1, jan/jun. 2014. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/344/722>>. Acesso em: 07 nov. 2019.

PINTO, Marshal Gaioso. A MÚSICA NAS IRMANDADES DE GOIÁS. *Revista Brasileira de Música*, Rio de Janeiro, v. 25, n.02, jul/ dez. 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rbm/article/view/29257>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

RÉAU, Louis. **Iconografia del arte cristiano**. Trad. Daniel. Alcoba. Barcelona, España: Ediciones del Serbal . 2008.

1 REIS. In: **BÍBLIA de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1995, p.506-549.

ROQUE, Maria Isabel Rocha. "Santa Maria, Mãe de Deus": Invocação, representação, exposição. In: DEVOÇÕES E SENSIBILIDADES MARIANAS: DA MEMÓRIA DE CISTER AO PORTUGAL DE HOJE: LIVRO DO XIII ENCONTRO CULTURAL DE SÃO CRISTÓVÃO DE LAFÕES. Disponível em: http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/25140/1/Roque_2018_santa-maria-mae-deus_invocacao-representacao-exposicao_PRE-PRINT-VERSION.pdf. >. Acesso em: 31 Out. 2019.

SCHENONE, Héctor. H. Santa María: **Iconografia del Arte Colonial**. Buenos Aires: Educa. 2008.

SOUZA, Juliana Beatriz. VIRGEM MESTIÇA: DEVOÇÃO À NOSSA SENHORA NA COLONIZAÇÃO DO NOVO MUNDO. **Revista Tempo**, Niterói, v.6, n.11, julho. 2001. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1670/167018156006.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

TAMASO, Izabela Maria. **Em nome de patrimônio**: representações e apropriações da cultura na cidade de Goiás. 2007. 787 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

TREVISAN, Armindo. O culto da Virgem Maria no Ocidente e sua influência na emancipação feminina. In: CONGRESSO DE MARIOLOGIA: PIEDADE POPULAR, CULTURA E TEOLOGIA. 2017. Anais [...] Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. Disponível em:<http://editora.pucrs.br/acessolivre/anais/congresso-de-mariologia/assets/edicoes/2017/arquivos/5.pdf> . Acesso em: 1 Nov. 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO". Igreja de Nossa Senhora da Abadia da Cidade de Goiás. Acervo digital da Unesp. 2015. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/252383>. Acesso em: 14 Jan. 2020.

VARAZZE, Jacopo. **Legenda Áurea: vidas de Santos**. São Paulo: Companhia das Letras. 2003.

VIDAL, Laurent. SOB A MÁSCARA DO COLONIAL. NASCIMENTO E "DECADÊNCIA" DE UMA VILA NO BRASIL MODERNO: VILA BOA DE GOIÁS NO SÉCULO XVIII. **Revista História**, São Paulo, v. 28, n. 1. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v28n1/10.pdf>>. Acesso em: 22 out.2019.